

Artigo

A missão da Igreja no diálogo católico-pentecostal: histórico, problemas e perspectivas

The mission of Church in catholic-pentecostal dialogue: history, problems and action perspectives

José Antônio Boareto¹

 0000-0001-6253-3871

Charles Rodrigues Santana Silva¹

 0009-0003-9867-7975

Fábio Massotti Menegazzo¹

 0009-0003-9603-5266

Felipe Biet Andrade Souza¹

 0009-0001-9796-5559

Moisés Caetano¹

 0009-0007-7406-0232

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar o fenômeno do diálogo católico-pentecostal na perspectiva latino-americana, mais especificamente no contexto da Comunidade Coração Novo, fundada por Izaías Carneiro. A metodologia adotada será o consagrado método “ver, julgar e agir”, proposto pelo Papa João XXIII. A primeira parte do artigo descreverá as origens do diálogo católico-pentecostal e a experiência da Comunidade Coração Novo e a segunda buscará iluminar o problema do diálogo católico-pentecostal com os documentos magisteriais e as Sagradas Escrituras. Por último, o artigo apresentará algumas propostas de ação para o diálogo católico-pentecostal.

Palavras-chave: Católico. Diálogo. Histórico. Pentecostal. Perspectivas.

Abstract

This article aims to present the phenomenal of catholic-Pentecostal dialogue in Latin-American perspective, more specifically in “Comunidade Coração Novo”, by Izaías Carneiro. The method will be the stablished method look, judge, act proposed by Pope John XXIII. The first part will describe the origins of the Catholic-Pentecostal dialogue and the experience of the “Comunidade Coração Novo”. The second part will seek to illuminate the problem of Catholic-Pentecostal dialogue with magisterial documents and the Holy Scriptures. Finally, the article will present some proposals for action for Catholic-Pentecostal dialogue.

Keywords: Catholic. Dialogue. Historical. Pentecostal. Perspectives.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Faculdade de Teologia. Campinas, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: J. A. BOARETO. E-mail: joseboareto@puc-campinas.edu.br.

Introdução

A missionariedade da Igreja é uma das características presentes e perenemente e atuantes ao longo de sua história. Diante das adversidades sofridas, a esposa de Cristo (Ap 19,7), como peregrina (Ag 2) à espera do seu Senhor, continua a espalhar pelo mundo seus ensinamentos e a viver sua mensagem.

Paulo Suess, ao apresentar a Teologia da Missão, diz que esse anúncio deve ser transmitido com alegria aos mais diversos povos para que, atraídos por sua palavra, alcancem a finalidade do projeto de Deus: a salvação dos povos. Para isso, é necessário também um movimento de saída misericordiosa como atitude missionária que favoreça a abertura e o acolhimento às diferenças como riqueza para a Igreja, também, a opção pelos pobres e a transformação como horizonte do Reino tendo uma visão completa do que é a missão em sentido amplo (SUESS, 2004).

Diante desse desafio, o presente artigo busca apresentar uma vertente desse grande quadro missionário da Igreja: o diálogo católico-pentecostal. Esse diálogo, apesar de parecer novidade, remonta ao Concílio Vaticano II e leva a uma nova compreensão da missão e da unidade da Igreja.

Neste trabalho, apresenta-se a iniciativa da Comunidade Coração Novo, que atua no Rio de Janeiro, sua história e carisma, desafios enfrentados e como esse diálogo pode ser entendido tendo como base o magistério da Igreja e a contribuição de teólogos como Marcial Maçaneiro, Paulo Suess e Estevão Raschietti. Todos esses teólogos têm elementos preciosos para a compreensão do diálogo católico-pentecostal: Paulo Suess apresenta uma Teologia da Missão com referência à *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco; Estevão Raschietti revela a chave decolonial para compreender a nova evangelização nos moldes do Papa Francisco e Marcial Maçaneiro aponta o diálogo católico-pentecostal como sinal de unidade dos cristãos no mundo plurirreligioso.

Diálogo católico-pentecostal em perspectiva

O diálogo católico-pentecostal, apesar de parecer uma temática pouco pesquisada atualmente, tem raízes antigas do ponto de vista cronológico, remontando ao evento do Concílio Vaticano II, convocado em 1959 pelo Papa João XXIII.

Entre as comissões preparatórias do Concílio, estava o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, que tinha por missão colocar-se em contato com os líderes de outras igrejas e comunidades (GÓMEZ, 2020). A presença desses líderes cristãos como “observadores-delegados”, intermediada pelo Secretariado em questão, chamou a atenção de um pastor chamado David duPlessis, que, ao participar de experiências ecumênicas no Conselho Mundial de Igrejas, ficou curioso sobre o que estava acontecendo na Igreja Católica com o Concílio Vaticano II. Então, em 1964 ele é convidado como hóspede do Secretariado para participar da terceira sessão do Concílio e constata a presença do Espírito (GÓMEZ, 2020).

Tempos depois, em 1968, o mesmo pastor é chamado pelo Secretariado para a Unidade dos Cristãos a fim de que fosse estabelecido um diálogo entre os pentecostais e os cristãos católicos. Cabe ressaltar que já havia sido feito todo um caminho de diálogo com luteranos e metodistas e planejava-se iniciar o mesmo diálogo com anglicanos e reformados (GÓMEZ, 2020).

Após duas reuniões exploratórias para estudar a possibilidade de o diálogo acontecer, em 1972 teve início a sua primeira fase, quando o Secretariado se reuniu com representantes dos pentecostais, dos carismáticos anglicanos e dos protestantes. A temática central era a espiritualidade pentecostal e seus temas anexos: o batismo com o Espírito Santo, a iniciação cristã e os dons, a doação ao Espírito Santo, a renovação carismática, entre outros (GÓMEZ, 2020). Esse primeiro momento, que durou até 1976, serviu como incentivo e abriu as portas para que outros encontros acontecessem. O último foi em 2018 e marcou a sétima fase de um diálogo fecundo permeado por uma maturidade teológica constante e uma riqueza de experiências para todas as partes (GÓMEZ, 2020).

Um grande exemplo dessa conversa entre católicos e pentecostais é a Comunidade Coração Novo, fundada em 2002 por Izaías de Souza Carneiro no Rio de Janeiro. O fundador é também idealizador da Missão Somos Um, uma iniciativa ecumênica de católicos e pentecostais que visa sobretudo a unidade dos cristãos.

Izaías é formado em Filosofia pela Faculdade de São Bento (RJ). O trabalho que ele desenvolve no diálogo católico-pentecostal é acompanhado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e pelo Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos, no Vaticano. É uma das lideranças no ENCRISTUS (Encontro de Cristãos em Busca da Unidade e da Santidade) e no Grupo de Trabalho Católico-Pentecostal.

Pela vivência da experiência ecumênica dentro de casa, Izaías percebeu que a maneira como se relacionava com os pentecostais poderia ser o caminho para estabelecer vínculos sob o ponto de vista pastoral. A vivência do cotidiano com cristãos de variadas denominações é o ecumenismo prático e real. Com isso, percebeu que um fator em comum entre católicos e pentecostais é o batismo com o Espírito Santo. Essa é uma característica transversal que os une. Até mesmo em denominações mais tradicionais, como os ortodoxos, é possível identificar diversas experiências de efusão no Espírito Santo.

A Comunidade Católica Coração Novo, da qual Izaías é o fundador, é reconhecida pela Igreja Católica como uma Associação Pública de Fieis, sob a orientação e apoio do Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, desde 2017. Entretanto, a caminhada teve início em 2002, numa pequena sala comercial onde um grupo de irmãos se encontrava para rezar com a Palavra de Deus e compartilhar a mesma mesa. Depois de dois anos, em 2004, ganharam uma casa que hoje é a sede da comunidade e que é carinhosamente chamada de Casa de Evangelização São José.

O carisma da comunidade nasceu do amadurecimento da consciência do chamado de Deus, que brotava do encontro entre católicos e evangélicos. Durante um retiro no ano de 2006, a comunidade Coração Novo entendeu que seu carisma é a reconciliação. Participar da missão de Jesus de reconciliar todas as coisas com o Pai por meio do sangue derramado na cruz, conforme Cl 1,20. Seu desejo era viver a espiritualidade da mesa e valorizar o encontro entre irmãos que já acontecia no grupo.

Jesus fazia isso com seus discípulos, promovia o encontro em volta da mesa, se relacionava com as pessoas. A Comunidade Coração Novo compreendeu que Jesus muda a vida das pessoas porque Ele é o Emanuel (Deus Conosco), porque Ele se encarna na vida das pessoas pelo contato

e pelos gestos. Percebeu também que esse chamado não era só para aquela comunidade, mas para a Igreja Católica, que é chamada por Deus para ser a Igreja que dialoga com a sociedade, o mundo e, em especial, com os outros cristãos.

Depois de muito estudar a história da Igreja, as cismas, suas causas e consequências, a Comunidade percebeu a dor no coração e a preocupação dos papas, desde São João XXIII, com a questão da unidade, e meditou com a oração sacerdotal de Jesus no Evangelho de São João (Jo 17,20-23). Nessa passagem, Jesus clama ao Pai por aqueles que ainda viriam a crer nEle, para que todos permanecessem unidos — “Que todos sejam um” (v. 21) —, pois, assim como Jesus está no Pai e o Pai está nEle, Ele pede que a Igreja esteja com o Pai e o Filho, que são Deus, e que Deus esteja com todas as pessoas para que, com isso, o mundo todo acredite que Jesus foi enviado por Deus.

A Comunidade Coração Novo entendeu então, que essa oração de Jesus era o cumprimento da profecia contida no livro do profeta Ezequiel, no capítulo 36, versículo 26: “E dar-vos-ei um coração novo”. Este deseja a reconciliação de todo gênero humano e de toda a criação com o Pai; é o coração do próprio Jesus. Embora a missão seja muito grande, reconheceram a pequenez deles e que eles foram escolhidos por Deus, como muitos outros na história da salvação, e que deveriam, portanto, abraçar a causa não porque tinham condições, mas pela fé no Deus que os chamou e que, por isso, haveria de capacitá-los.

A missão da Comunidade, além de proporcionar o encontro e a reconciliação do ser humano com Deus, é promover a reconciliação da humanidade com o próximo e, principalmente, com todo cuidado e carinho, a unidade dos cristãos, pois a divisão entre estes é vista como escândalo pelo resto do mundo. Eles devem ser referência para o mundo de como viver o Evangelho. Então a missão da comunidade é dar testemunho de comunhão, não de divisão. Essa unidade é buscada através do encontro, tendo como motivação a proposta da cultura do encontro sugerida pelo Papa Francisco.

A comunidade promove reuniões denominadas “Café Espiritual”, onde cristãos de diversas denominações se encontram para tomar o café da manhã juntos, conversar, trocar testemunhos, promover ações sociais, partilhar a palavra e a vida num ambiente fraterno. Esses encontros, que acontecem desde 2012, são entremeados com louvores.

A Missão Somos Um, da qual Izaías é idealizador e que existe desde 2008, promove encontros ecumênicos dentro da Semana Somos Um, uma semana inteira dedicada à promoção da unidade dos cristãos, do respeito à liberdade religiosa e da cultura do encontro. O evento tornou-se parte do calendário oficial do município do Rio de Janeiro em 2022, e a cada dois anos ocorre a Conferência Internacional Somos Um, intercalando com a Conferência Nacional. Interessante notar que os membros e líderes da Missão são amigos de verdade, pois eles entendem que não há efetividade pastoral sem afetividade evangélica.

O Movimento Somos Um é uma plataforma fraterna de comunhão e missão que se organiza a partir de uma presidência compartilhada entre católicos e evangélicos e por conselhos fraternos. Já a Missão Somos Um tem uma diretriz, denominada Carta de Intenções, que norteia as ações da missão. O documento foi assinado por diversos líderes religiosos cristãos e avalizado pelo Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos. O dossiê está disponível – em quatro idiomas - no site da Missão, trazendo mais detalhes e informações sobre a Missão Somos Um.

Concluindo, o diálogo católico-pentecostal, por sua proposta, encorajou pentecostais e católicos a discutirem temas de relevância para ambos os grupos e a trocarem experiências sem que houvesse a imposição de autoridade de uma das partes, mas sempre existindo o respeito mútuo às diferenças.

Desafios do diálogo católico-pentecostal

Na entrevista concedida por Izaías Carneiro, por ocasião da produção deste artigo, conta sobre alguns pontos que ele observou na sua experiência de 30 anos de relacionamento carismático-pentecostal. Destacam-se a terminologia adotada, as igrejas televisivas, a identificação dos valores cristãos com políticas partidárias, o proselitismo e a liturgia.

Infelizmente o termo “ecumenismo” vem carregado de más experiências vividas pelo lado pentecostal. Muitos viram tentativas frustradas no passado e não foram bem acolhidos, ou, ainda, não foram vistos com bons olhos pelos seus pares evangélicos. A pastoral do ecumenismo sofre incompreensões devido a experiências prévias ruins. Por muitas vezes, houve confusão entre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso e isso não foi bem aceito à época, gerando, assim, dificuldades de compreensão e aceitação. Outra questão observada foi que o esforço ecumênico, na maioria das vezes, só é realizado pela pastoral ecumênica, enquanto as demais pastorais acabam não se envolvendo no movimento de diálogo.

Um grande desafio para o diálogo católico-pentecostal são as denominadas “igrejas eletrônicas” ou “televisivas”, com destaque para a Igreja Universal, do bispo Edir Macedo; a Igreja Internacional da Graça de Deus, do missionário R. R. Soares e a Igreja Mundial do Poder de Deus, do apóstolo Valdemiro Santiago. Pela experiência ecumênica relatada por Izaías, essas igrejas não estão abertas a um diálogo com outras denominações evangélicas e muito menos com os católicos, representando, assim, um impasse na delicada relação ecumênica.

Outra discussão significativa é a identificação dos valores cristãos com a política partidária. Se a questão religiosa já gera desafios e divisões por si só, para que somar a isso a divisão encontrada no âmbito da política eleitoral? O assunto foi bastante discutido principalmente nas últimas eleições presidenciais, quando os debates eleitorais envolveram temas religiosos, acusações e rotulações de ambos os lados.

O proselitismo sempre foi problemático na maioria das culturas, e, apesar da missão cristã de levar o evangelho a todas as criaturas (Mc 16,15), é visto com maus olhos mesmo entre cristãos. Ninguém quer perder suas próprias ovelhas, nem ver o vizinho pescando peixe no seu açude. Há o receio de que o ecumenismo acabará numa conversão - ainda que a intenção do diálogo ecumênico seja a conversão.

Enquanto isso, a liturgia e os ritos são vistos como problemas, pois são distintos, e não dá certo fazer mistura nem hibridismo entre a missa católica e o culto evangélico. Então os ritos são feitos separadamente, sem problema nenhum. Na experiência das missões carismáticas-pentecostais, o carisma pentecostal dos louvores, o modo de fazer as orações, a experiência do batismo com o Espírito Santo e o testemunho genuíno de busca pela vida de santidade é que são compartilhados.

Um processo em busca da unidade dos cristãos

O Papa São João XXIII criou, em 1960, a Secretaria para Unidade dos Cristãos, que foi elevada a Conselho Pontifício pelo Papa João Paulo II em 1988. Desde 2022 é um Dicastério da Cúria Romana, erigido pelo Papa Francisco. O diálogo católico-pentecostal, que já está na sétima fase e que ocorre desde 1972, começou com uma proposta bilateral entre os luteranos e os metodistas no ano de 1967 e com os anglicanos e os reformados em 1970. Cada fase compreende uma agenda temática, com encontros anuais durante cinco anos. Ao final é redigido um relatório sobre os resultados alcançados (GÓMEZ, 2020).

Os desafios apresentados na experiência ecumênica das missões de Izaias Carneiro estão em consonância com os temas debatidos nos encontros católico-pentecostais promovidos pela Cúria Romana. No primeiro encontro foi discutida a espiritualidade pentecostal, que era o ponto em comum entre a Renovação Carismática Católica, fundada em 1967, e as igrejas evangélicas pentecostais (GÓMEZ, 2020).

Entretanto, no segundo encontro, foram propostos temas dissonantes, como a Tradição e o papel de Maria. O saldo foi negativo para o lado evangélico, pois muitos representantes foram advertidos por suas denominações, outros foram perseguidos e alguns foram afastados ou expulsos de suas Igrejas (GÓMEZ, 2020).

Com isso, no terceiro quinquênio foi discutido o tema da *koinonia*; ou seja, a importância necessária ao tratamento da comunhão. Os dirigentes do encontro perceberam que não era saudável para o movimento de conciliação entre as igrejas cristãs, pelo menos por enquanto, tratar de assuntos em que não estavam de acordo. A partir dessa terceira fase, começaram a traçar os rumos para o diálogo católico-pentecostal. Os temas debatidos nesses encontros serviriam de modelo às realidades locais (GÓMEZ, 2020).

A quarta fase (1990-1997) foi considerada resolutive. Nela foram estabelecidas bases conjuntas sobre as questões da evangelização, proselitismo e testemunho. Foi proposto, naquele momento, um modelo de evangelização e testemunho sem um objetivo proselitista e que não era provocativo para nenhum dos lados (GÓMEZ, 2020). Desse modo, a ação da Missão Somos Um está em conformidade com aquelas diretrizes. O modelo de evangelização e missão é respeitar a eclesialidade de cada um, reconduzindo os membros afastados, atendendo aos necessitados, congregando cada um em sua igreja e se encontrando para desfrutar da amizade e da comensalidade.

Na quinta fase (1998-2006) aprofundou-se a investigação teológica do ponto fundamental da união entre católicos e pentecostais: o batismo com o Espírito Santo. Os diversos integrantes pesquisaram e se debruçaram sobre fontes teológicas nas Sagradas Escrituras e nos “pais” da Igreja (GÓMEZ, 2020), reforçando, assim, que essa cultura pentecostal deve ser o fio condutor do diálogo e a chave que abre as portas da reconciliação - tanto é que o tema levou os evangélicos a estudarem a tradição católica através dos “pais” da Igreja, como Santo Irineu, Santo Hilário de Poitiers e Novaciano (MAÇANEIRO, 2020).

O relatório final da sexta fase, publicado em 2016, confirma a ação do Espírito Santo na vida das igrejas. O principal tema discutido foi o que os católicos e pentecostais sustentam em comum: a dimensão pneumatológica. Embora possa parecer que os católicos admitem a recepção

do Espírito Santo apenas no sacramento do Crisma e os pentecostais, no batismo com o Espírito Santo, ambos estão de acordo que “[...] os carismas não são confinados aos sacramentos nem ao Batismo no Espírito Santo” (MAÇANEIRO, 2017, p. 10).

De outro ponto de vista, as igrejas de tradição apostólica (católicas romanas, orientais, ortodoxas e anglicanas) valorizam a instância da graça e as pentecostais, da experiência. Apesar de linguagens diversas, são convergentes. As primeiras utilizam a linguagem sacramental, enquanto as pentecostais usam a linguagem predicativa, pois as igrejas de tradição apostólica explicitam o dom do Espírito na ministração sacramental (MAÇANEIRO, 2017).

Outro aspecto de comunhão no diálogo foi que evitar estabelecer uma lista hierárquica dos dons do Espírito para não gerar desavenças. Entretanto, entraram num consenso de que esses dons devem estar a serviço da comunidade de fé. Assim, concluíram conjuntamente que o critério para o discernimento dos dons do Espírito que impulsionam esses carismas deve ser a caridade (MAÇANEIRO, 2017).

A fundamentação nas Sagradas Escrituras são as mesmas para ambos os lados. Tanto católicos quanto pentecostais utilizam as mesmas passagens de referência ao batismo com o Espírito Santo e ao sacramento da confirmação (MAÇANEIRO, 2017).

Nas epístolas paulinas é explícita a exortação de que os carismas são graças para servir. O próprio termo deriva da raiz grega *charis*, que é traduzida por graça. O carisma é, assim, entendido como uma graça recebida e deve, portanto, ser utilizado para edificação da comunidade (MAÇANEIRO, 2020). Assim, graça e serviço, entram em consenso, e dão testemunho e exemplo aos demais cristãos de que se deve promover a relação entre a Pneumatologia e a Eclesiologia (MAÇANEIRO, 2020).

É importante salientar que os relatórios redigidos ao final do quinquênio não resultam de uma “[...] superposição ou acomodação de elementos pentecostais com aqueles católicos, mas sim do efetivo diálogo teológico” (MAÇANEIRO, 2017, p. 25). Outro detalhe é que muitos dos conceitos utilizados nesses encontros já estão explicitados nos formulários da liturgia latina.

Ações para o diálogo e a missão

A partir de pesquisa acerca do diálogo católico-pentecostal e tendo em vista o documento do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso (2011) sobre a conduta cristã, nota-se que a essência do cristão é proclamar a palavra de Deus e testemunhá-la ao mundo, sempre e de acordo com os princípios evangélicos do respeito e do amor para com todos.

Em vista de uma realidade ecumênica, são sugeridas algumas propostas de ação, a saber: a amizade, o respeito e a solidariedade mútua entre todos, independentemente de sua religião; agir no amor de Cristo seguindo seus passos; liberdade de religião e de crença; discernimento pessoal; construção das relações inter-religiosas; a unidade dos cristãos; a busca da unidade como dom do Espírito.

A primeira proposta tem como princípio a amizade fraterna entre católicos e evangélicos a fim de que os membros e líderes da missão ecumênica compreendam de fato que não há efetividade pastoral sem efetividade evangélica. Esse princípio está muito presente na vivência

da Comunidade Coração Novo, por exemplo. Primeiro os membros criam vínculos, fazem laços de amizade e compartilham as refeições. Nessa comensalidade, compartilham também a vida. O ecumenismo, desse modo, ocorre naturalmente. Não se deve ter medo de construir laços fraternos com cristãos de outras denominações.

A segunda proposta de ação é a solidariedade para com o próximo, seja ele da mesma profissão de fé ou de uma crença diferente, em vista da atuação cristã e da vivência do reino de Deus. Segundo o documento para a recomendação da conduta cristã (n. 9), todos os cristãos são chamados a se comprometerem a trabalhar com as pessoas no respeito mútuo. As ações sociais podem ser promovidas em conjunto frente às necessidades da vizinhança. Cria-se, assim, um ambiente solidário de colaboração e serviço.

Outra proposta de ação é agir sempre no amor de Deus, tendo Cristo como fonte desse amor infinito para que, em consequência dessa ação, outras pessoas, vendo o testemunho, sigam esse exemplo de amor. Esse princípio baseia-se no Evangelho segundo João (Jo 13, 35).

A quarta ação é cultivar um verdadeiro diálogo e o respeito à liberdade religiosa e de crença. Essa liberdade tem como finalidade o direito de escolha religiosa por parte dos membros, sem que se faça quaisquer tipos de proselitismo e sempre respeitando todas as identidades eclesiais. De acordo com o documento sobre o testemunho cristão (n.7), essa liberdade garante ao fiel o direito de “propagar e mudar de religião”. É verdadeiramente um choque de realidade tratar essa abertura ao outro de modo que este tenha a garantia de sua liberdade sem os rompimentos causados por um imaginário fixado naquilo que Estevão Raschietti chama de “colonialismo interno”. É preciso, como sugere o referido autor, que se garanta essa liberdade, esse modo de ser e de agir, por meio de uma chave decolonial que quebra as barreiras de um proselitismo controlador que não permite uma abertura ao outro, a uma profunda e verdadeira amizade social.

Representa o paciente caminho de retomada das histórias negadas dos sobreviventes, marcadas pela violência colonial e mascarada pela mestiçagem. Trata-se de resgatar o pensamento de fronteira como pensamento outro e como pensamento subversivo, fazer aflorar aquelas identidades encobertas e apontar para um horizonte utópico pluriversal, evitando cair numa estéril controvérsia antimoderna ou pré-moderna, e sim questionando a modernidade a partir da colonialidade. Pois é preciso que essa modernidade possa atingir verdadeiramente sua meta de um mundo melhor para todos, no qual, porém, possam caber muitos mundos. Neste sentido, a luta emancipatória da modernidade, contra todo e qualquer tipo de dominação, é reconfirmada e alavancada à luz de suas próprias contradições (RASCHIETTI, 2022, p. 516).

Paulo Suess, ao apresentar a Teologia da Missão na *Evangelii Gaudium*, acrescenta:

Ir ao encontro, sendo atraído por Deus. Francisco é avesso ao ‘assédio espiritual’: ‘A Igreja não cresce por proselitismo, mas ‘por atracção’. Não somos caçadores de borboletas. Somos zeladores de um jardim que atrai as borboletas. Não fomos enviados para correr atrás de almas perdidas, mas para salvar e atrair vidas pela beleza

convitativa da nossa fé vivida no mundo. Nosso 'ir ao encontro' abre a porta para que aquele que nós encontramos se encontre com Jesus' (SUESS, 2004, p. 3).

Levando em consideração o mesmo artigo de Paulo Suess, a quinta proposta é o processo de ouvir o outro. A *Evangelii Gaudium* pede: "Ouvir a todos" (EG 31). Essa atitude de escuta faz parte de um "processo participativo" que promove "uma comunhão dinâmica, aberta e missionária" e, nesse sentido, sinodal (EG31).

Há também algumas propostas de ação que partem da experiência do diálogo carismático-pentecostal realizado por Izaias Carneiro e que podem ser válidas na realidade das paróquias e vizinhanças. Nos encontros ecumênicos, se houver um momento litúrgico, que se faça uma missa e um culto ao mesmo tempo em locais separados, pois é um ponto de dissonância que se deve evitar. Não se deve fazer ecumenismo a qualquer custo.

A última proposta de ação, e não menos importante, é a experiência de oração pela unidade dos cristãos, tendo em vista que o principal autor da unidade é o Espírito Santo (1 Cor 12, 13) e que a unidade dos cristãos é essencial para a Igreja: "que todos sejam um..." (Jo 17). Essa atitude leva à compreensão de que a unidade não é algo que se alcança por esforço próprio, mas pela graça do Espírito Santo, que move e que anima o corpo místico de Cristo - que é a Igreja.

Conclusão

Ao findar esta abordagem acerca do diálogo católico-pentecostal, tornam-se evidentes as grandiosas barreiras que ainda têm dificultado o processo de sua efetivação. Embora haja um grande caminho a ser percorrido, a própria temática tem, após as resoluções do Concílio Vaticano II, ganhado espaço internamente na Igreja e em todo o meio social.

O presente artigo buscou evidenciar os esforços de alguns grupos religiosos em função da unidade que brota do próprio evangelho, tendo em vista, como sugere o fundador da Comunidade Coração Novo e idealizador do Projeto Somos Um, Izaias Carneiro, que o maior contratestemunho do cristianismo é a própria falta de unidade e de caridade existentes entre aqueles que têm o mesmo Cristo como Senhor.

Há, pois, uma perspectiva inicial de diálogo assumida por muitos cristãos. Entretanto, ao assumir esse princípio como foco relacional entre as religiões cristãs e para além delas, é preciso, como sugere este artigo, identificar os problemas e aquilo que historicamente tem impedido uma efetividade evangélica no que diz respeito a essa reflexão. Conforme os desafios constatados, é preciso também identificar as intersecções existentes entre esse possível diálogo para que se possa alcançar, na unidade, uma efetiva realização dos desejos dialogais entre católicos e pentecostais.

Durante a história dessa evolução presente apenas nos últimos anos do pós-concílio, surgiram diversas moções, apontadas neste presente artigo - todas em função dessa unidade e desse diálogo. Isso foi, aos poucos, se consolidando através do aprendizado comum entre os membros das comunidades cristãs, na percepção de que a criação de vínculos de união em torno do mesmo evangelho e do mesmo Cristo não se daria pelos pontos não comuns.

Há, por fim, a partir dessa unidade vinculada às Sagradas Escrituras, ao Espírito Santo, ao batismo e à comunhão em Cristo, um chamamento latente ao diálogo e à missão em função da unidade. Esse chamado deve fugir de uma realidade meramente etérea, exclusivista e a qualquer custo. Pelo contrário, é a partir dos valores de cada comunidade particular e da comunhão entre os valores comuns que brotam de cada uma delas que se poderá clarificar e resolver os problemas que por tanto tempo afastaram os cristãos, como inimigos de guerra em uma batalha que lhes era comum.

Referências

- GÓMEZ, J. U. El diálogo católico pentecostal: base, procesos y principales resultados. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE LÍDERES SOMOS UNO, 1., 2020, [S.l.]. Encontro *online* [...]. [S.l.]: Somos Um, 2020. Sala Temática. Disponível em: <https://missaosomosum.com.br/2020/09/10/i-encontro-internacional-de-lideres-somos-um/>. Acesso em: 27 out. 2023.
- MAÇANEIRO, M. La Iglesia, los carismas y el primado de la caridad: a partir del Documento VI del Diálogo Católico-Pentecostal. *Revista Perspectiva Teológica*, v. 52, n. 2, p. 353-374, 2020.
- MAÇANEIRO, M. Relatório da 6. Fase do Diálogo Internacional Católico-Pentecostal: tópicos fundamentais. *Revista Medellín*, v. 43, n. 169, p. 675-702, 2017.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *O testemunho cristão em um mundo multi-religioso: recomendações de conduta*. Cidade do Vaticano: Vaticano, 2011. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_20111110_testimonianza-cristiana_po.html. Acesso em: 27 out. 2023.
- RASCHIETTI, E. Missão e Decolonialidade: Apontamentos para um paradigma missionário Latino-Americano em perspectiva decolonial. *Perspectiva Teológica*, v. 54, n. 2, p. 513-537, 2022.
- SUESS, P. Teologia da Missão à luz da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. *Cadernos Teologia Pública*, ano 1, n. 1, p. 3-32, 2004.